

FH diz que pacote é “sacrifício”

■ Presidente afirma, em Londres, que não haverá recessão e que, diante da moeda estável, sofrimento brasileiro será relativamente pequeno

AMÉRICO MARTINS
Especial para o JB

LONDRES – O presidente Fernando Henrique Cardoso garantiu ontem que o país não vai entrar em recessão por causa das medidas fiscais adotadas pelo governo, apesar de reconhecer que elas são um “sacrifício” para a população. “Estamos fazendo isso tudo para que o país não entre em recessão”, disse ele, em Londres, logo após uma visita à Canning House, uma instituição filantrópica que promove estudos sobre a América Latina.

O presidente citou os ágios obtidos nas privatizações da Companhia de Eletricidade de Sergipe e do Banco Meridional, como prova de que a recessão será evitada: “Quem é que pode falar em recessão? Há disposição de investir, temos confiança. É preciso olhar para a frente com muita energia!”

Durante o banquete realizado na noite de anteontem na City de Londres (veja ao lado), o maior centro financeiro da Europa, o presidente reconheceu que o pacote fiscal do governo, aprovado esta semana pelo Congresso, “vai representar um sacrifício para os brasileiros”. Na ocasião, ele disse que o governo “não vacilará” na defesa do Plano Real. Ontem, o presidente acrescentou que, “diante da vantagem de termos uma moeda estabilizada, o sofrimento será relativamente pequeno”. Fernando Henrique também admitiu que a classe média será a mais penalizada, já que os sacrifícios “serão maiores para quem tem renda maior”.

O presidente disse ainda que ficou “contente com a demanda” do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, que quer que ele intervenha para evitar demissões na Volkswagen. Afirmado que não conhecia os termos do pedido, ele disse que está “sempre pronto a conversar com o sindicato”.

Como tem feito em todas as

oportunidades, aqui na Inglaterra, Fernando Henrique voltou a defender, no banquete, a adoção de medidas para conter a volatilidade dos fluxos de capital. “Não se trata de defender a re-regulamentação das finanças mundiais, mas sim de apontar a necessidade de que os governos sejam capazes de evitar os danos que podem advir das turbulências do mercado”, disse. E também voltou a afirmar que tais danos não ficam “circunscritos às nações emergentes, mas atingem países mais adiantados”.

No fim do discurso, o presidente definiu o programa de privatizações como uma “extraordinária janela de oportunidades para os investidores estrangeiros”.

■ O governo brasileiro aproveitou o encontro de ontem, entre o presidente Fernando Henrique e o primeiro-ministro da Grã-Bretanha para anunciar sua adesão à campanha da World Wild Fund (WWF), que pretende assegurar o compromisso de todos os países com a meta de preservar pelo menos 10% de cada tipo de floresta, até o ano 2.000. Ontem, o assunto foi tratado na reunião de Blair com Fernando Henrique, e no encontro entre o presidente do Ibama, Eduardo Martins, e o representante da WWF. O Brasil se comprometeu a aumentar para 10% da área total da Amazônia – o correspondente a 50 milhões de hectares – o seu espaço de reserva especial. “Estamos dispostos a assumir as nossas responsabilidades, com a condição de que os países mais desenvolvidos também tomem medidas objetivas sobre os limites de emissão de gases daninhos”, disse o presidente brasileiro. Também ficou acertado que os países do G-7 vão entrar com US\$ 30 milhões de ajuda para a preservação desses 10%, somente no Brasil. Com isso, o total de ajuda recebido pelo país chegará a US\$ 250 milhões.